

Texto Para Estudo:

Faculdade de Tecnologia e Ciências de Itabuna.

Professor: Jailton Alves de Oliveira

Disciplina: Língua Portuguesa e Linguagem e Produção de textos.

TIPOLOGIA TEXTUAL - O TEXTO NARRATIVO

- Esse tipo de composição textual se constitui a partir de uma história (real ou imaginária), contada por alguém (narrador).

- A narração consiste em uma sequência de fatos/ações desencadeados(as) por personagens envolvidas numa trama, culminando num clímax e se esclarecendo no desfecho.

- No texto narrativo, conta-se um fato que ocorreu (ou que poderia ter ocorrido, no caso da ficção) em determinados tempo e lugar, envolvendo personagens.

Elementos fundamentais da narração:

- Enredo (ação);
- Personagem(ns);
- Tempo;
- Espaço (ambientação);
- Foco narrativo (de 1ª ou 3ª pessoa), isto é, a perspectiva a partir da qual se conta a história.
- Os discursos (direto, indireto ou indireto livre) que representam as falas da personagem.

Discursos direto, indireto e indireto livre

- Na narração, existem três formas de citar a fala (discurso) dos personagens: o discurso direto, o discurso indireto e o discurso indireto livre.

Discurso direto: **reproduz** as palavras do personagem. Funciona como comprovação concreta do fato exposto pelo narrador. No discurso direto, a fala do personagem, marcada geralmente por travessão ou aspas, é comumente assinalada pelos verbos *dicendi* (verbos "de dizer").

- O trecho abaixo, do conto "Um Apólogo", de Machado de Assis, ilustra bem o uso do discurso direto:

"Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

— Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?

- Deixe-me, senhora.
- Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.
- Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros. [...]"

Publicado originalmente na **Gazeta de Notícias**, em 1855.

Discurso indireto: a fala do personagem é indicada pela voz do narrador. Nesse caso, após o verbo *dicendi*, aparece uma oração subordinada (introduzida, geralmente, pelas conjunções *se* ou *que* - aparentes ou ocultas).

- O início do conto "Singularidades de uma rapariga loura", de Eça de Queiroz traz um exemplo claro de discurso indireto (o autor diz aquilo que o personagem teria dito; o travessão, neste caso, é apenas recurso do texto):

"Começou por me dizer que o seu caso era simples – e que se chamava Macário...[...]"

QUEIROZ, Eça de. **Obras completas**,

Discurso indireto livre: nesse caso, o narrador mescla o discurso direto e o indireto, sem usar marcações. O escritor português José Saramago costuma utilizar esse recurso.

- Abaixo, um trecho de "O conto da ilha desconhecida", em que se configura um bom exemplo do uso do discurso indireto livre. Note-se como há alternância entre a voz do narrador e a dos personagens (mas sem as marcas do discurso direto).

"Contudo, no caso do homem que queria um barco, as coisas não se passaram bem assim. Quando a mulher da limpeza lhe perguntou pela nesga da porta, Que é que tu queres, o homem, em lugar de pedir, como era o costume de todos, um título, uma condecoração, ou simplesmente dinheiro, respondeu, Quero falar ao rei, Já sabes que o rei não pode vir, está na porta dos obséquios, respondeu a mulher, Pois então vai lá dizer-lhe que não saio daqui até que ele venha, pessoalmente, saber o que quero, rematou o homem, e deitou-se ao comprido no limiar, tapando-se com a manta por causa do frio. Entrar e sair, só por cima dele. Ora, isto era um enorme problema, se tivermos em consideração que, de acordo com a pragmática das portas, ali só se podia atender um suplicante de cada vez, donde resultava que, enquanto houvesse alguém à espera de resposta, nenhuma outra pessoa se poderia aproximar a fim de expor as suas necessidades ou as suas ambições. À primeira vista, quem ficava a ganhar com este artigo do regulamento era o rei, dado que, sendo menos numerosa a gente que o vinha incomodar com lamúrias, mais tempo ele passava a ter, e mais descanso, para receber, contemplar e guardar os obséquios.[...]"

SARAMAGO, José. O conto da ilha desconhecida.

O PARÁGRAFO

1) DEFINIÇÕES

Unidade mínima de significação do texto, que apresenta uma ideia básica, à qual se agregam outras idéias secundárias, relacionadas pelo sentido (ANDRADE; HENRIQUES, 1999, p.100).

Unidade de composição, constituída por um ou mais de um período em que se desenvolve determinada ideia central, ou nuclear, a que se agregam outras, secundárias, intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente decorrentes dela (GARCIA, 1978, p.203).

2) RECOMENDAÇÕES PARA A COMPOSIÇÃO DO PARÁGRAFO

Um texto deve sempre abordar um mesmo assunto. Quando se muda de parágrafo, portanto, não se muda de assunto, mas sim de argumentos, aspectos de abordagem, focos de enunciação (no caso da narração) etc. Para cumprir essa exigência da comunicação verbal, o parágrafo deve apresentar quatro condições básicas:

- **Unidade:** manutenção de apenas uma ideia principal - as ideias secundárias devem girar em torno dela.
- **Coerência:** relação de sentido entre a ideia principal e as secundárias.
- **Concisão:** apresentação das ideias sem estender demasiadamente o parágrafo (objetividade).
- **Clareza:** apresentação clara dos argumentos (escolha de palavras, construção sintática).

3) ESTRUTURA:

O parágrafo pode ser considerado um microtexto, contendo, portanto, **introdução**, **desenvolvimento** e **conclusão** (em alguns casos). Para garantir um parágrafo bem estruturado, deve-se delimitar claramente o aspecto de abordagem (**o quê?**) e o objetivo (**para quê?**).

- **Tópico frasal (TF):** ideia principal a ser abordada. Geralmente corresponde à introdução do parágrafo, embora

isso não seja uma regra.

- **Desenvolvimento:** desdobramento do tópico frasal. Trata-se da organização das idéias secundárias, observando as condições de composição (unidade, coerência, concisão e clareza). O desenvolvimento de um parágrafo pode se dar a partir de várias estruturas. Algumas estruturas básicas:

- TF + explicitação da idéia inicial;
- TF+ ordenação por causa e consequência;
- TF+ ordenação por contraste;
- TF+ ordenação por enumeração.
- TF+ exemplificação;
- TF (pergunta) + respostas;

- **Conclusão:** nem todos os parágrafos apresentam de conclusão explícita. É obrigatório, entretanto, no parágrafo final do texto.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Margarida M. HENRIQUES, Antonio. **Língua Portuguesa: noções básicas para cursos superiores.** São Paulo: Ática, 1999.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna.** 7.ed. Rio de Janeiro: FGV, 1978.

-

TIPOLOGIA TEXTUAL - O TEXTO DISSERTATIVO

O texto dissertativo consiste na exposição, discussão ou interpretação de uma determinada idéia.

- Algumas estratégias que devem ser adotadas para a composição desse tipo de texto:

- **Planejamento de trabalho:** esboço do tipo de abordagem que se pretende fazer, com os prováveis argumentos a serem utilizados (melhor que o "rascunho", o plano de trabalho auxilia na organização das ideias);
- **Exame crítico do assunto:** deve-se abordar o tema a partir de vários aspectos, evitando uma abordagem superficial do tipo "concordo" ou "não concordo". Estudamos um assunto para saber mais sobre ele. A adesão ou não a determinado tema deve aparecer a partir da abordagem.

- Para produzir um bom texto dissertativo, é preciso observar, ainda, as seguintes recomendações:

- Domínio do assunto e habilidade de argumentação (a dissertação é uma demonstração);
- Fidelidade ao tema (abordagem objetiva);
- Exposição lógica dos argumentos (raciocínio claro, coeso e coerente);
- Uso da linguagem denotativa (a linguagem conotativa, quando utilizada, nunca devem constituir a base argumentativa);
- Impessoalidade discursiva (daí a recomendação da 3ª pessoa, da 1ª do plural ou da forma impessoal, com o apassivador "se". Deve-se evitar construções como "na minha opinião" ou "eu acho" - quando assinamos um texto dissertativo já deixamos claro que se trata de nossa opinião).
- Respeito à estrutura elementar do parágrafo (TF+ formas de desenvolvimento).

Obs.: o discurso dissertativo não deve apresentar progressão temporal entre as sentenças (característica da narração); é possível utilizar a narração (Cf. postagem "[O parágrafo](#)") nesse tipo de texto, mas isso deve ser feito com cuidado, para não agredir a estrutura fundamental da dissertação.

ESTRUTURA BÁSICA

INTRODUÇÃO: deve conter a idéia principal a ser desenvolvida, que pode se apresentar da seguinte forma: proposição do tema, seus limites, ângulo de análise e hipótese a ser defendida.

Geralmente esses elementos cabem em um ou dois parágrafos, a depender da dimensão do texto. Trata-se da abertura do texto, residindo aí a sua importância. A introdução deve ser muito clara e chamar a atenção para dois pontos básicos: **os objetivos do texto e o plano do desenvolvimento.**

DESENVOLVIMENTO: exposição de elementos que fundamentarão a idéia principal. Essa exposição pode ser especificada através de argumentação, detalhamento, ilustração, causas e conseqüências, definições, dados estatísticos, ordenação cronológica, interrogação, citação etc. Deve cobrir a quantidade de parágrafos necessária para a completa exposição da idéia (em casos de delimitação de extensão do texto, deve-se considerar isso no planejamento de trabalho).

Há algumas estruturas que podem ajudar no desenvolvimento de um texto dissertativo (Cf. postagem "[O parágrafo](#)").

CONCLUSÃO: retomada da idéia principal, de forma mais convincente (uma vez que já foi fundamentada durante o desenvolvimento da dissertação). Normalmente, a depender da extensão do texto, resume-se a um parágrafo. Por essa razão, deve retomar, usando uma linguagem sintética, o objetivo proposto na introdução, a confirmação da hipótese e a argumentação básica do desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

FARACO, Carlos e Francisco Moura. **Para Gostar de Escrever**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1986.

BRAIT, Negrini e Lourenço. Aulas de Redação. São Paulo: Atual Editora, 1980.

TIPOLOGIA TEXTUAL 1

Tudo aquilo que escrevemos costuma receber o nome de redação ou composição textual. Entretanto, a depender de uma série de fatores (como estrutura, função, temática, abordagem etc.), os textos apresentam diferenças. Essas diferenças resultam em classificações, cujo objetivo é sistematizar os diversos tipos de textos que produzimos. **A mais funcional tipologia classifica os textos em três tipos distintos:**

- **Dissertação:** exposição de argumentos.
- **Narração:** exposição de fatos.
- **Descrição:** exposição de características.

1) O TEXTO DISSERTATIVO: tem por objetivo informar, mas, ao mesmo tempo, deixa claro um modo específico de ver/analisar um determinado assunto. A argumentação se dá a partir da exposição de pontos de vista, reforçada pelo uso de provas (explicitações do ponto de vista, dados, exemplos etc.).

A dissertação é o tipo mais utilizado nas escolas: resumos, resenhas, teses, dissertações, monografias, artigos, ensaios.

A LINGUAGEM DO TEXTO DISSERTATIVO

Nesse tipo de composição textual, a linguagem deve seguir algumas orientações:

- Utilizar a norma culta da língua;
- Manter a objetividade;
- Não se dirigir ao receptor (não utilizar “você” ou estruturas vocativas).
- Utilizar, preferencialmente, a 1ª pessoa do plural ou a terceira do singular.

EXEMPLO DE TEXTO DISSERTATIVO

Como ciência geral dos signos, a semiótica peirceana tem funcionado como uma ferramenta cada vez mais utilizada na leitura dos diversos discursos produzidos pela indústria cultural. Seja na análise da música popular, dos programas para a TV, filmes, entre outros, a observação dos signos constituintes do processo de formação discursiva é uma possibilidade de interpretação, definida quase sempre a partir dos estudos do matemático Charles Peirce.

Lúcia Santaella, uma das mais reconhecidas tradutoras da obra de Peirce no Brasil, afirma que “semiótica não é uma ciência especial ou especializada, como são ciências especiais a física, a biologia, a sociologia, a economia etc.” (1985, p.70), por terem objeto de estudo definido. A semiótica é disciplina, é metodologia, é ferramenta que serve de base para o desenvolvimento da lógica que permeia a teoria geral, formal e abstrata dos métodos de investigação utilizados nas mais diversas ciências.

Assim, a semiótica não se detém ao simples fato de estudar o significado das coisas e dos objetos, utilizando apenas como método a gramática especulativa, um dos ramos dessa área. Ela também estuda a argumentação e o raciocínio, ao considerar algo como signo, visto pela lógica crítica, a exemplo da Teoria da Significação francesa.

LUCENA, Kátia. **Peça pra mamãe!:** análise semiótica do discurso publicitário dirigido às crianças. Monografia apresentada à FTC. Salvador, 2007.

2) O TEXTO NARRATIVO: a narração se configura a partir de uma história (real ou imaginária) que é contada por alguém (narrador). Trata-se de uma sequência temporal de ações desencadeadas por **personagens** envolvidas numa **trama** que **culmina num clímax e se esclarece no desfecho**.

São exemplos de narrativas a novela, o romance, o conto, peças de teatro, a crônica, notícias de jornal, piadas, a epopéia, determinados tipos de letras de canção, histórias em quadrinhos etc.

Elementos fundamentais da narração:

- **Enredo (ação), personagem, tempo e espaço.**
- **Foco narrativo (de 1ª ou 3ª pessoa) que é a perspectiva a partir da qual se conta a história.**
- **Os discursos (direto, indireto ou indireto livre) que representam as falas da personagem.**

Estrutura do enredo:

- Exposição (apresentação das personagens, cenário ou época de ambientação da história);
- Desenvolvimento (desenrolar dos fatos apresentando complicação e clímax);
- Desfecho ou desenlace (resolução da trama).

FICÇÃO E NÃO-FICÇÃO

O texto narrativo ficcional diferencia-se do não-ficcional por apresentar fatos imaginários, ainda que sob um viés realista.

- Principais gêneros da ficção: conto, novela, romance, crônica, epopéia.

- Principais gêneros da não-ficção: reportagem (jornalismo), depoimento, biografia, autobiografia, carta, diário, memórias.

O discurso publicitário pode utilizar recursos de qualquer um desses gêneros.

EXEMPLO DE TEXTO NARRATIVO

A ÚLTIMA CRÔNICA

Fernando Sabino

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: "assim eu queria o meu último poema". Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e

aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês. O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho - um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular. A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.

São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a Coca-Cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: "Parabéns pra você, parabéns pra você..." Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura - ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. Dá comigo de súbito, a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido - vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.

Assim eu quereria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.

SABINO, Fernando. *A Companheira de viagem*. 14.ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

3) O TEXTO DESCRITIVO: esse tipo de texto apresenta, com palavras, a imagem de seres, coisas, paisagens, situações etc., explorando os sentidos (visão, audição, tato, paladar e olfato). O objetivo da descrição é a elaboração de um retrato por escrito.

Elementos predominantes na descrição:

- Frases nominais (sem verbo) ou orações em que predominam verbos de ligação (ser, estar, parecer etc.).
- Frases enumerativas.
- Adjetivação.

- Figuras de linguagem: recursos expressivos, em linguagem conotativa, como metáfora, metonímia, prosopopéia, sinestesia etc.
- Referências às sensações.

EXEMPLO DE TEXTO DESCRITIVO

SINGULARIDADES DE UMA RAPARIGA LOURA (trecho)

Eça de Queiroz

[...] Era alto e grosso: tinha uma calva larga, luzidia e lisa, com repas brancas que se lhe eriçavam em redor: e os seus olhos pretos, com a pele em roda engelhada e amarelada, e olheiras papudas, tinham uma singular clareza e retidão - por trás dos seus óculos redondos com ares de tartaruga. Tinha a barba rapada, o queixo saliente e resoluto. Trazia uma gravata de cetim negro apertada por trás com uma fivela; um casaco comprido cor de pinhão, com as mangas estreitas e justas e canhões de veludilho. E pela longa abertura do seu colete de seda, onde reluzia um grilhão antigo, saíam as pregas moles duma camisa bordada.

[Leia o conto completo](#)

QUEIROZ, Eça. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

FIGURAS DE LINGUAGEM 2

METONÍMIA E METÁFORA

1) **Metonímia** - "figura de retórica que consiste no uso de uma palavra fora do seu contexto semântico normal, por ter uma significação que tenha relação objetiva, de contiguidade, material ou conceitual, com o conteúdo ou o referente ocasionalmente pensado [Não se trata de relação comparativa, como no caso da metáfora.]" (Dicionário Houaiss)

Segundo Afrânio da Silva Garcia, "o processo de elaboração da metonímia assemelha-se, mas não se confunde, ao processo de elaboração da metáfora. [...] a metonímia pode ser definida como uma relação de contiguidade, de aproximação, em que parte do conteúdo semântico de uma palavra ou expressão (ou um conteúdo semântico associado a esta palavra ou expressão) é relacionado a outra palavra ou expressão, também numa comparação implícita, só que parcial (entre um todo significativo e um traço significativo de outro todo significativo), ou numa relação de substituição comparativa, em que um traço significativo de uma palavra ou expressão representa toda a palavra ou expressão" ([leia íntegra do texto aqui](#)).

O efeito da metonímia pode ser gerado a partir da exploração de relações como:

- Efeito pela causa: **tomou a morte até o último gole.**
- Causa pelo efeito: **tenho alergia a cigarro** (a alergia é provocada pela fumaça do cigarro).
- Marca pelo produto: **só lavo roupa com Omo.**
- Autor pela obra: **ontem reli Castro Alves.**
- Continente pelo conteúdo: **na feijoada de domingo eu comi dois pratos.**
- Possuidor pelo possuído: **ele foi ao médico** (vai-se ao consultório do médico).
- Matéria pelo objeto: **“Quem com ferro fere, com ferro será ferido”.**
- O instrumento pela causa ativa: **Romário é bom de bola.**
- Parte pelo todo: **“A mão que balança o berço”.**
- Abstrato pelo concreto: **a juventude gosta de desafios.**
- Ideias específicas por ideias gerais (e vice-versa): **ela luta em defesa da criança** (ela luta em prol de todas as crianças e não de uma especificamente).

TIPOS ESPECÍFICOS DE METONÍMIA

Alguns dicionários, gramáticas e manuais de redação e estilo costumam definir três tipos específicos de metonímia: a METALEPSE, a ANTONOMÁSIA e a SINÉDOQUE.

METALEPSE: o termo vem do grego "metalepsis", que significa "transposição". Esse tipo de metonímia "toma o antecedente pelo conseqüente, e vice-versa, ou seja, quando queremos dar a entender uma coisa por outra que a precede no discurso. [...] Se dizemos "choramos o nosso pai" por "o nosso pai morreu", estamos a utilizar uma forma de metalepse (damos a entender a causa pela sua conseqüência) [...]" [Carlos CEIA. Dicionário de termos literários.](#)

Outros exemplos de metalepse: **respeite os cabelos brancos da sua vizinha** (a velhice ou a maturidade); **ganhou tudo com o suor do próprio rosto** (o esforço).

ANTONOMÁSIA: segundo o Dicionário Houaiss, trata-se de um tipo de metonímia em que se substitui o nome dos objetos, entidades, pessoas etc. por outra denominação, "que pode ser um nome comum (ou uma perífrase), um gentílico, um adjetivo etc., que seja sugestivo, explicativo, laudatório, eufêmico, irônico ou pejorativo e que caracterize uma qualidade universal ou conhecida do possuidor (Dicionário Houaiss).

Exemplos de metalepse: **A rainha dos baixinhos** (em lugar de Xuxa); **o homem de aço** (em lugar de Super-Homem), **o bruxo de Cosme velho** (em lugar de Machado de Assis) etc.

SINÉDOQUE: esse tipo de metonímia se baseia na relação quantitativa entre o significado original da palavra e o conteúdo referente a ela os casos mais

comuns são: tomar a parte pelo todo; o gênero pela espécie ou vice-versa; o específico pelo geral (Dicionário Houaiss).

EXEMPLOS DE METONÍMIA NO DISCURSO VISUAL



Neste cartaz de divulgação do filme **X-men 3: o confronto Final** (2006), a metonímia se dá por uma sequência de associações:

- **O sinal por sua significação: as garras são usadas para representar o personagem Wolverine;**
- A parte pelo todo (sinédoque): a escolha do personagem Wolverine para representar o grupo dos X-men;
- A parte pelo todo: a escolha do personagem Wolverine para representantar filme.



No cartaz da marca Águas do Fastio a metonímia é gerada tomando-se o lugar pela coisa (Serra do Gerês pela água).



["Beto Carreiro ☀ 1937 - † 2008. Ele vai deixar saudades em muita gente"](http://www.desencannes.com/).

Nesse cartaz (não-oficial), toma-se o possuído (cavalo) pelo possuidor (Beto Carrero).

Fonte: <http://www.desencannes.com/>



Neste teaser a metonímia se dá pela ação de tomar a parte pelo todo (sem referências).

2) Metáfora - segundo os dicionários da língua portuguesa, a metáfora consiste na “designação de um objeto ou qualidade mediante uma palavra que designa outro objeto ou qualidade que tem com o primeiro uma relação de semelhança (p.ex., ele tem uma vontade de ferro, para designar uma vontade forte, como o ferro)” (Dicionário Houaiss).

O discurso publicitário costuma explorar muito as metáforas visuais, mas também usa a metáfora nas construções verbais.

EXEMPLOS DE METÁFORA NO DISCURSO VISUAL



Nesta peça do Greenpeace, há a metáfora visual do tipo “A é B” pela metamorfose das árvores em pinos do jogo Resta Um. Há também a metáfora verbal do mesmo tipo, na afirmação de que o *homem consegue ser burro*.



Nesta ação, a metáfora também se dá pela metamorfose. Trata-se de duas construções metafóricas: o poste transforma-se em cigarro, para que a placa de trânsito transforme-se em aviso aos fumantes.



Neste cartaz, metáfora visual se produz pela metamorfose parcial do corpo da mulher.

Há também metonímia, por se tomar “cozinha” por “comida”, a partir da relação de contiguidade.

FIGURAS DE LINGUAGEM

Além da preocupação estética, comum aos discursos artísticos, a publicidade usa as **figuras de linguagem** para ampliar o poder de persuasão, ao mesmo tempo em que neutraliza as marcas mais agressivas da linguagem apelativa. Isso pode ocorrer tanto com os recursos de sintaxe quanto com os recursos de palavras (os tropos) ou de pensamento.

- **Sintaxe:** função que as palavras adquirem na estruturação da frase.
- **Tropos*:** jogos de palavras para enfatizar um sentido.
- **Pensamento:** maneira lógica de expor as idéias.

* Emprego figurado de palavra ou locução, figura (Dicionário Houaiss).

- **FIGURAS DE LINGUAGEM (ou de estilo)** são recursos utilizados para conferir maior expressividade à mensagem.

- Quando empregadas corretamente, as figuras de linguagem valorizam o texto, criando efeitos variados de interpretação. Trata-se de recursos linguísticos que têm a capacidade de comunicar experiências comuns de formas diferentes, conferindo originalidade, emotividade ou poeticidade ao discurso.

De um modo geral, as figuras de linguagem costumam ser classificadas como:

- Figuras de construção (ou de sintaxe)
- Figuras de palavras
- Figuras de pensamento

Obs.: alguns autores consideram a **aliteração**, a **paronomásia** e a **onomatopéia** como figuras de som ou figuras de harmonia, por conta dos efeitos sonoros que tais recursos produzem na linguagem.

EXEMPLOS DE FIGURAS DE LINGUAGEM NO DISCURSO PUBLICITÁRIO

ELIPSE: consiste na supressão de uma palavra facilmente subentendida. Trata-se da omissão intencional de um termo identificável pelo contexto ou por elementos gramaticais presentes na sentença. A utilização adequada da elipse pode tornar o texto conciso e elegante, como no slogan a seguir, em que o verbo **ser** (na 3ª pessoa do singular) é omitido. Essa supressão é assinalada pela vírgula.

"A jóia é você. Romanel, seu complemento"

ALITERAÇÃO: consiste na repetição de consoantes (consonância), vogais (assonância) ou sílabas numa frase (geralmente as sílabas tônicas). Neste anúncio da Taupys, há a aliteração do tipo consonante (repetição do t).

"Tecidos Tramas Texturas Traços"

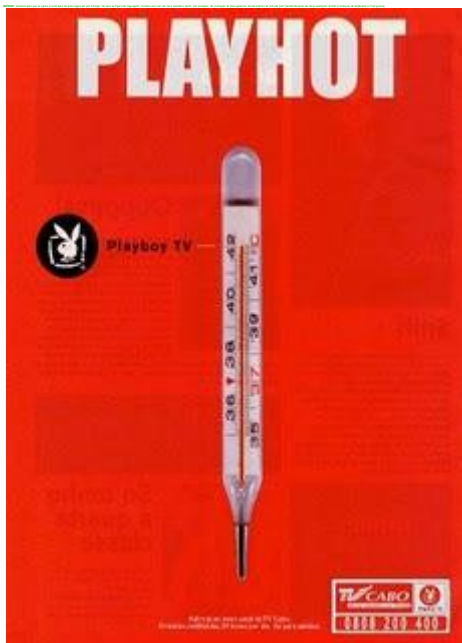
METÁFORA: de acordo com Platão e Fiorin, a metáfora é a alteração do sentido de uma palavra, pelo acréscimo de um significado segundo, quando ambos apresentam um traço comum (1997, p.159). A metáfora funciona como um intercâmbio semântico entre dois elementos, uma comparação levada ao extremo. Trata-se de uma troca semântica entre dois ou mais elementos - uma comparação abreviada.

HIPÉRBOLE: exagero numa idéia expressa, acentuando de forma dramática aquilo que se quer dizer.

[Este VT do desodorante AXE ilustra direitinho a hipérbole.](#)

METONÍMIA: substituição de um termo por outro, a partir de uma relação lógica de sentido (interdependência, afinidade, contigüidade, proximidade etc.). Neste slogan da rede de locadoras Blockbuster, há metonímia na transferência, por sinédoque (toma-se a parte pelo todo), da sala (local onde normalmente fica a TV) para um objeto (sofá) que tem uma relação significativa com a idéia de sala.

"Hoje é dia de sofá"



GIVENCHY



ingle ells,
ingle ells

Don't forget the





REFERÊNCIAS:

Básicas

ALMEIDA, F. **Português Básico**. São Paulo: Atlas, 1995.
 ANDRADE, Maria Margarida, HENRIQUES, Antonio. **Língua portuguesa: noções básicas para cursos superiores**. São Paulo: Editora Ática, 1999.
 CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. 8.ed. São Paulo: Ática, 2004.

Complementares

A REFERENCIAÇÃO; os referentes; coerência e coesão. Disponível em: http://www.cce.ufsc.br/~nupill/ensino/a_referenciacao.htm. Acesso em: set.2004.
 CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
 ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP)**. 5.ed., 2009.